



## **Abordagem dos termos “agroecologia” e “feminismo” na biblioteca digital brasileira de dissertações e teses e no repositório digital da universidade federal da fronteira sul**

Approach to the terms "Agroecology" and "Feminism" in the Brazilian Digital Library of Dissertations and Theses and in the Digital Repository of the Universidade Federal da Fronteira Sul

LIESESKI, Lidiane<sup>1</sup>; KLUCH, Giuliano<sup>2</sup>; MARQUES, Siomara Aparecida<sup>3</sup>;  
ANDRIOLI, Liria Ângela<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Mestranda do PPGADR/UFFS lidianelieseski@gmail.com; <sup>2</sup>Mestrando do PPGADR/UFFS giukluch@gmail.com; <sup>3</sup>Professora da UFFS siomarques@uffs.edu.br; <sup>4</sup>Professora da UFFS liria.andrioli@uffs.edu.br

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** Este trabalho configura-se como uma revisão narrativa qualitativa a partir de resultados encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses e no Repositório da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS entre o período compreendido de 01/2020 a 06/2023, utilizando a *string* “Feminism\* and Agroecolog\*”. O objetivo foi mapear como as discussões de Gênero e Agroecologia são tratadas nas Dissertações e Teses. Foram selecionados 5 trabalhos a partir da análise textual do Título, Resumo e Palavras-chave. A investigação justifica-se pela necessidade de entender melhor a conexão entre agroecologia e mulheres. Foi possível concluir que a mulher tem papel de protagonista na agroecologia, que o Movimento de Mulheres Camponesas e a Marcha das Margaridas têm papel importante para a organização das mulheres trabalhadoras do campo, que através da coletividade, é possível libertar mulheres aprisionadas pelo Capitalismo Patriarcal que se impõe, expondo as desigualdades de gênero que assolam a nossa sociedade.

**Palavras-chave:** estudos de gênero. feminismos. MMC. marcha das margaridas.

#### **Introdução**

O atual modelo de produção hegemônico e patriarcal não poupou o trabalho e a vida das mulheres, constantemente invisibilizado. No Brasil, atualmente, 19,7% dos estabelecimentos da agricultura familiar são dirigidos por mulheres, sendo a Região Sul com a maior porcentagem de mulheres na codireção e a região com menos mulheres com acesso à terra (HORA; NOBRE; BUTTO, 2021).

Nesse sentido, o modelo de produção agroecológico se coloca como um agente de mudanças a fim de diminuir as desigualdades de gênero e outras. A agroecologia, ao integrar os princípios de respeito, cuidado e solidariedade nas interações entre seres humanos e a natureza, possui uma conexão direta com a autonomia das



mulheres e a criação de espaços participativos igualitários para homens e mulheres (SEIBERT *et al.*, 2019).

Este resumo tem por objetivo identificar, na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e do Repositório Digital da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, teses e dissertações que discorrem sobre os temas agregados “Feminismo e Agroecologia” no período compreendido de janeiro de 2020 a junho de 2023.

O trabalho é fruto de um amadurecimento desenvolvido através da problematização das temáticas de gênero e as relações sociais, em especial, no meio rural, e como a agroecologia está intrinsecamente ligada à igualdade de gênero, nos levando a reafirmar que “sem igualdade de gênero não há agroecologia” (SEIBERT *et al.*, 2019). Toda essa reflexão teve como ponto de partida o componente curricular “Gênero e Agroecologia”, ofertado no Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável (Nível de Mestrado) da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Laranjeiras do Sul/PR, ministrado pelas professoras Liria Ângela Andrioli e Siomara Aparecida Marques.

## Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão narrativa, de caráter qualitativo. Essa metodologia se caracteriza por mapear a literatura entorno de um tema mediante a bibliografia disponível, através de uma análise crítica, buscando interpretação das informações presentes nos trabalhos estudados (ROTHER, 2007).

Para o levantamento bibliográfico foi usada a plataforma Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD<sup>1</sup>, utilizando a *string* “feminis\*” and “agroecolog\*””. Esta *string* foi criada a partir de testes nas plataformas, visto que ao utilizar o radical “Gêner\*”, tivemos um número de teses e dissertações que se relacionavam com “Gêneros textuais”, ou “Gênero como ciência taxonômica”, sendo assim, necessário o uso de um radical que trouxesse resultados de maior proximidade com o intuito deste estudo e também a ampliação dos termos de busca para feminismo e agroecologia.

Foram analisados apenas trabalhos que estavam públicos em seus respectivos repositórios. Ressalta-se que o corte temporal designado para este estudo foram dissertações e teses defendidas e disponíveis na plataforma supracitada entre dia 01/01/2020 e 10/06/2023.

Para as buscas no Repositório Digital da UFFS<sup>2</sup>, foi utilizado a *string* “feminis\*” and “agroecolog\*”, mesmo parâmetro usado na plataforma anterior, também foi adotado corte temporal, desconsiderando todas dissertações e Teses defendidas antes de 01/01/2020 e considerando teses e dissertações disponíveis na plataforma entre

<sup>1</sup> Disponível no URL <https://bddd.ibict.br/>

<sup>2</sup> Disponível no URL <https://rd.uffs.edu.br/>



01/01/2020 e 10/06/2023 que estão com acesso de forma pública. A coleta dos dados nas duas plataformas ocorreu entre os dias 22/06/2023 a 24/06/2023.

O critério de inclusão foi definido conforme a presença das expressões derivadas dos radicais “Feminis\*” e “Agroecolog\*”, no título, palavras-chave e no resumo de cada texto analisado. Foram encontrados, com o critério de exclusão, 18 trabalhos na BDTD e 19 no Repositório Digital da UFFS. Depois, com o critério de inclusão, restaram 12 da BDTD e 6 do Repositório Digital da UFFS. Contudo, optou-se por selecionar 4 deles da BDTD e 1 do Repositório Digital da UFFS, que, ao mesmo tempo, se assemelham no conteúdo e diferem no local pesquisado. Em comum, todos pesquisam as mulheres camponesas.

## Resultados e Discussão

No quadro 1 estão apresentados os 5 trabalhos escolhidos com seus respectivos autores, ano de publicação, tipo de trabalho e instituição de origem.

**Quadro 1** – Trabalhos selecionados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Repositório Digital da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Título	Autor	Instituição	Tipo	Ano de publicação
O movimento do feminismo agroecológico no Vale do Ribeira (SP): contribuições para uma educação decolonial	Paula Simone Busko	UFSC	TESE BDTD	2022
O feminismo camponês popular: resistência e revolução.	Michela Katiúscia Alves dos Santos Calaça	UFCG	TESE BDTD	2021
“Olha Brasília está florida, estão chegando as decididas”: experiências de um feminismo rural no Brasil a partir da Marcha das Margaridas	Dayane Nascimento Sobreira	UFBA	TESE BDTD	2022
Agroecossistemas, trabalho e autonomia: o cotidiano de mulheres camponesas em realidades do Vale do Jequitinhonha	Bárbara Letícia Lopes	UFVJM	DISSERTAÇÃO BDTD	2021
Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas para o fortalecimento da produção agroecológica: um estudo das experiências desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas – MMC/ SC	Geneci Ribeiro dos Santos	UFFS	DISSERTAÇÃO Repositório Digital UFFS	2021

Fonte: Os autores (2023).



Frente aos trabalhos apresentados, podemos destacar que o fio condutor das discussões perpassou os processos coletivos de organização, como, por exemplo, o Movimento de Mulheres Camponesas – MMC e a Marcha das Margaridas, organizado pelo MMC. O escopo da pesquisa teve foco nas mulheres rurais.

Cabe ressaltar que o MMC iniciou as suas lutas no ano de 2004 como uma opção de agrupamento de mulheres frente a outros movimentos que as incluíam, mas não as tinham como prioridade. Nesse sentido, o MMC partiu de:

[...] uma concepção de feminismo classista, entendendo que a libertação das mulheres só é possível com a superação do capitalismo, do patriarcado e do racismo. Isso não significa ter que esperar a superação das classes para, posteriormente, lutar pela liberdade das mulheres e de tantos outros setores oprimidos (CALAÇA; CONTE; CINELLI, 2018, p. 1161-1162).

Os movimentos sociais de mulheres camponesas buscam também o fim das várias violências que sofrem. Nesse sentido, surge em questão a Marcha das Margaridas, que faz uma homenagem à ativista Margarida Alves, assassinada em 1983 por denunciar os latifundiários e suas opressões. Denominadas como “herdeiras de Margarida Alves”, as Margaridas se afirmam como “sujeitos políticos” que se inserem na política e cobram do governo soluções para tantos tipos de violências e melhorias de vida (PRÉVOST, 2022; SOBREIRA, 2022).

Destaca-se que os estudos evidenciam o patriarcado, o racismo e o capitalismo e suas consequências na criação de uma cultura de exploração, opressão e dominação dos povos da América Latina, em especial das mulheres. Esta ligação intrínseca se coloca de forma veemente, ao observar que, na maioria das vezes, as mulheres ficam responsáveis pelos trabalhos ligados ao cuidado, seja do lar, dos filhos, das proximidades da casa, em atividades não vistas como rentáveis, ou cultivo em lugares em que o homem não tem interesse na produção de produtos para comercialização, ou seja, tarefas que são entendidas como “tarefas femininas”. Nesse contexto, há que se dizer que, em muitos casos, a própria mulher vê seu trabalho apenas como uma “ajuda” ao marido, o que dificulta a compreensão da importância dos afazeres delas (HERRERA, 2018).

Segundo Herrera (2018), o trabalho das mulheres em relação aos cuidados normalmente é designado aos homens após a organização das assim chamadas tarefas “produtivas”, fortalecendo a ideia de que os cuidados são menos relevantes ou que podem ser designados como trabalhos secundários. Outro ponto importante sobre o trabalho das mulheres está relacionado ao que Hirata e Kergoat (2007) nomearam de “modelo da delegação”, onde as mulheres “delegam” funções de cuidado e do trabalho a outras pessoas. Constantemente, essas delegações são realizadas a outras mulheres e raramente aos homens.

A produção de hortaliças que alimentam a família também é responsabilidade das mulheres camponesas. O cuidado em plantar flores a fim de embelezar o lugar tem a atenção delas. Esses processos, por não produzirem lucro, são considerados “serviços desnecessários”. E, mesmo que produzam lucro, no caso de venda do excedente, o trabalho normalmente é desprezado (RODRIGUES, 2018).



As obras destacam que a agroecologia é um processo da agricultura familiar, que, via de regra, parte da mulher, iniciando no cultivo do entorno da casa, com ambientação e ornamento, passando para a produção e o consumo da família. A agroecologia possibilita, para as mulheres, uma maior autonomia por meio do reconhecimento do seu trabalho, fortalecendo a igualdade de gênero, possibilitando a geração de renda e criando espaços para discussão de suas necessidades (SEIBERT *et al.*, 2019).

Nas palavras de Prévost (2022, p. 8), “A abordagem agroecológica feminista é baseada em uma dimensão afetiva”. Nesse viés, evidencia-se que a agroecologia está diretamente interligada com o sentimento de cuidado. Em seu trabalho, as protagonistas revelam que sem o afeto à terra, o seu trabalho apenas se aproxima do modelo convencional de produção.

## Conclusões

As reflexões trazidas pelos textos selecionados convergem em todos os aspectos, trazendo elementos importantes para a reafirmação da necessidade de discutir igualdade de gênero no meio rural, a importância da mulher como trabalhadora rural, da importância no cuidado e que estes trabalhos também devem ser valorizados tanto quanto outros no meio rural, seja através da labuta no dia a dia do campo ou pelo trabalho de cuidar da casa e dos filhos, da produção de alimentos para a subsistência, pelo cultivo de flores e frutas ao redor da morada.

Também se destaca o protagonismo da mulher nas atividades de cultivo agroecológico, sendo ela, na maioria das vezes, a responsável por dar o pontapé inicial da produção agroecológica familiar. Nesse contexto, também podemos concluir que a agroecologia é, necessariamente, um modo de produção familiar. Por fim, destaca-se a importância de espaços coletivos de articulação e de luta para o despertar da consciência de classe e a percepção das injustiças mundanas, em especial, as de gênero.

## Referências bibliográficas

BUSKO, Paula Simone. **O movimento do feminismo agroecológico no Vale do Ribeira (SP): contribuições para uma educação decolonial**. 2022. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

CALAÇA, Michela Katiúscia. **O Feminismo camponês popular: resistência e Revolução**. 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021.

CALAÇA, Michela Katiúscia Alves dos Santos; CONTE, Isaura Isabel; CINELLI, Catiane. Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 3, n. 4, p. 1156-1183, 2018.



HERRERA, Karolyna M. Tempo de Cuidar: uma análise sobre o trabalho reprodutivo das mulheres rurais. *In: Anais do VIII Encontro da Rede de Estudos Rurais*, 2018, Florianópolis, 2018. p. 1404-1417.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez., 2007.

HORA, Karla; NOBRE, Miriam; BUTTO, Andrea. **As mulheres no censo agropecuário 2017**. Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA). São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung Brasil, 2021.

LOPES, Bárbara Letícia. **Agroecossistemas, trabalho e autonomia: o cotidiano de mulheres camponesas em realidades do Vale do Jequitinhonha**. 2021. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos Rurais) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2021.

PRÉVOST, Héloïse. “Até que todas sejamos livres”: o ativismo ‘sentipensado’ das feministas agroecológicas brasileiras contra as violências agrocapitalistas. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. e5969, 2022.

RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha. Agroecologia e sua Materialidade na Vida das Mulheres Camponesas. *In: PULGA, Vanderléia Laodete et al., (Orgs.) Mulheres camponesas: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018.

ROTHER, Edna T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista De Enfermagem**, v. 20, n. 2, v–vi. 2007.

SANTOS, Geneci Ribeiro dos. **Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas para o fortalecimento da produção agroecológica: um estudo das experiências desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres Camponesas–MMC/SC**. 2021. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2021.

SEIBERT, Iridiani Graciele; SAYEED, Azra Talat; GEORGIEVA, Zdravka; GUERRA, Alberta. Sem feminismo, não há Agroecologia. **Global Network for the Right to Food and Nutrition**, 2019. Disponível em: <https://www.righttofoodandnutrition.org/pt/sem-feminismo-nao-ha-agroecologia>. Acesso em: 29 de junho de 2023.

SOBREIRA, Dayane Nascimento. “**Olha Brasília está florida, estão chegando as decididas**”: experiências de um feminismo rural no Brasil a partir da Marcha das Margaridas. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Salvador: Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.